

# A Interação Verbal/Discursiva



**PROFA. SHEILA VIEIRA DE CAMARGO  
GRILLO  
IELP II**



IAKUBÍNSKI, L. P. O dialoguícheskoi rietch (Sobre o discurso dialogal), *Rússkaia rietch: sbórniki statéi*. (*O discurso russo: coletânea de artigos*), Petrogrado, n. 13, p. 96-194, **1923**.

**Objetivo:** mostrar que o diálogo é um fenômeno especial do discurso, e apontar em que consiste esse caráter “especial”



- a linguagem é um comportamento humano ao mesmo tempo de natureza psico-biológica e de natureza sociológica, considerando o estudo da língua na dependência das condições de comunicação (ordem sociológica) uma base fundamental da linguística da época.

# Diálogo – natural x Monólogo -artificial



Iakubínski se propõe a investigar as formas humanas diretas (face a face) em ligação com as formas diretas de interação discursiva, constatando a possibilidade de formas monológicas (no tribunal, em cerimônias) e dialógicas (conversas rápidas). No artigo, Iakubínski concentra-se nas formas dialógicas diretas, com base no trabalho de L. V. Scherba que, ao pesquisar determinados dialetos, concluiu ser o monólogo uma forma linguística artificial e o diálogo, natural, uma vez que nesses dialetos não havia monólogos, apenas diálogos entrecortados.

Lev Vladímirovitch Scherba (1880-1944), linguista russo e soviético na área da psicolinguística, lexicografia e fonologia, sendo um dos formuladores do conceito de fonema. Foi aluno de Baudouin de Courtenay e estudou na Alemanha, na Polônia e na França. Tornou-se docente da Universidade Estatal de São Perstubro em 1909, onde também se formou em 1903.

# Naturalidade do diálogo



- a tendência do nosso organismo é a reação, havendo uma relação estreita entre representações, julgamentos e emoções com a manifestação discursiva exterior a qual desperta uma reação discursiva;
- a observação de encontros para discussão de temas científicos mostrou que as apresentações entram interrompidas por réplicas, transformando-se em conversas, observando-se uma tendência ao diálogo (mesmo quem se calava nesses encontros tinha expressões faciais de quem queria falar);

# Naturalidade do diálogo



- em conferências científicas, por exemplo, observa-se a tendência ao diálogo, à réplica, manifesta no discurso interior, que acompanha a escuta da apresentação;
- frequentemente essa escuta é acompanhada de anotações no papel, que muitas vezes revelam as réplicas interiores que acompanham a percepção do monólogo;
- até mesmo a percepção de um monólogo escrito (livro, artigo) desperta interrupção e réplica, às vezes, mentalmente, às vezes em voz alta e às vezes escrito – por meio de grifos, observações nas margens, listas etc.

Com base nessa concepção, Iakubínski descreve uma série de características do diálogo direto ou conversação:

- 1) A percepção visual e auditiva do interlocutor (sua mímica ou expressão facial, gestos, movimentos corporais) tem um enorme importância, como fator determinante da percepção do discurso e, conseqüentemente, da própria fala;
- 2) A expressão facial e os gestos às vezes desempenham o papel de réplica no diálogo, substituindo a expressão verbal. Frequentemente a réplica mímica responde antes do que a verbal;

Com base nessa concepção, Iakubínski descreve uma série de características do diálogo direto ou conversação:



3) A expressão facial e os gestos têm frequentemente uma importância semelhante à importância da entonação, isto é, determinadas imagens modificam o sentido das palavras. A mímica/expressão facial e os gestos, sendo companheiros constantes de quaisquer reações do homem, são meios comunicativos constantes e poderosos. Na comunicação direta, a manifestação discursiva sempre se une à mímico-gestual. Como exemplo da importância da entonação e da imagem do interlocutor, Iakubínski dá um fragmento de o “Diário de um escritor” de Dostoiévski, mesmo exemplo utilizado em MFL;

Com base nessa concepção, Iakubínski descreve uma série de características do diálogo direto ou conversação:



- 4) A alternância de réplicas caracteriza o diálogo, sendo que as interrupções fazem parte do diálogo e determinam sua organização. De um modo geral, a mudança de réplica ocorre de modo que uma “ainda não acabou”, mas outra “continua” ;
- 5) Como não há preparação ao diálogo, a réplica normalmente ocorre simultaneamente com a percepção do discurso alheio, com elementos habituais; sem muita reflexão, como ele surge;
- 6) No diálogo, há menor quantidade de palavras, a resposta a uma pergunta demanda menor quantidade de palavras do que na manifestação de uma totalidade de pensamento.



7) A compreensão do discurso alheio depende não só do discurso exterior, mas também de nossas experiências internas e externas anteriores, da “massa aperceptiva” de dado indivíduo ou, em termos atuais, dos conhecimentos prévios dos interlocutores. A importância geral da apercepção da compreensão do discurso, como fator de diminuição da significação dos próprios estímulos discursivos é bem mais clara no discurso dialogal do que no discurso monológico.

Com base nessa concepção, Iakubínski descreve uma série de características do diálogo direto ou conversação:



8) Considerando que nossa existência cotidiana está cheia de padrões repetitivos, os padrões de nossas interações são acompanhados por padrões constantes de interação discursiva em estreita associação;

9) Na comunicação dialógica a situação cotidiana é um dos fatores de percepção do discurso, um de seus aspectos, tendo um significado comunicativo. Em consequência disso, o papel dos estímulos discursivos diminuem, eles deslocam-se um pouco para o pano de fundo, eles não estão sujeitos a uma percepção nítida. A própria fala é produzida com um cálculo inconsciente no significado comunicado da situação cotidiana, disso ela, por sua vez, pode ser menos completa, menos nítida; não sendo representado o aspecto necessário da reflexão e da seleção, a própria fala tende a aparecer na ordem da simples ação volitiva e com elementos corriqueiros.



Conversa entre duas comadres, das quais uma é *surda*: (p. 165-166)

- Salve, comadre.
- *Estive no mercado.*
- Ali, você está surda?
- *Comprei peru.*
- Adeus, comadre.
- Dei 50 copeques.

A surda errou apenas ao não cumprimentar sua interlocutora. Ela se orientou no padrão cotidiano correspondente ao padrão de discurso/fala, que é válido para todos.



- É hora de colocar o samovar.

Essa frase está tão grudada no ouvido da criada às 9 horas da noite que uma vez o patrão gritou:

- Você comprou o jornal hoje?

Respondeu a criada:

- Ainda é cedo, vou colocar em meia hora.



O autor diz ter presenciado a seguinte situação em uma cabelereira: Uma mulher entrou no salão e perguntou: “Você não quer comprar sabonete?” e a cabeleireira respondeu “Quer arrumar os cabelos?”



10) Na experiência diária, podemos observar como nós frequentemente não expressamos a inteireza de nosso pensamento, omitimos palavras necessárias, pensamos uma coisa, mas falamos outra: nossa intenção discursiva não corresponde com a realização. Tudo isso é condicionado pelos temas e outras leis psicofisiológicas; a própria ação livre dessas leis são condicionadas pela falta de concentração que controla a atenção aos signos do discurso. Disso, Iakubínski conclui, com a ajuda de exemplos de mudanças fonético-fonológicas descritas por diversos linguistas russos da época, que o caráter mais progressista do diálogo em relação ao monólogo está no fato de que a mudança da língua, a criatividade “discursiva” não ocorre em uma forma consciente, mas está ligado ao caráter inconsciente da “pronúncia”, da qual está ausente a concentração da atenção, isto é, **o fenômeno da automatização.**



BAKHTIN, M.M. (VOLOCHINOV). A interação verbal. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. M. Lahud e Y.F. Vieira São Paulo: Hucitec, 110-127.

# Filosofia da linguagem: *Nova enciclopédia de filosofia em quatro tomos (Nóvaia filossófskaia entsiklopiédiia v tchetýriókh tomákh, 2010)*, o verbete “filosofia linguagem”:

**Filosofia da linguagem** – campo de pesquisa da filosofia, em que não somente é analisada a interrelação entre pensamento e linguagem, mas se evidencia o papel constitutivo da linguagem, da palavra e da fala às diferentes formas de discurso, à cognição e às estruturas da consciência e do conhecimento. O termo “filosofia da linguagem” foi proposto por P.I. Jitiétski (1900), A. Marty (1910), K. Vossler (1925), O. Funke (1928), M.M. Bakhtin e V. N. Volóchinov (1929).

A filosofia clássica tematizou a problemática da linguagem sob dois ângulos de visão: 1) a explicação da gênesis da linguagem, em que foram apresentadas duas concepções alternativas – o surgimento da linguagem pela natureza (concepção desenvolvida inicialmente pelos sofistas e pelos estóicos e posteriormente no Iluminismo) e por convenção (dos gregos atomistas até T. Hobbys e J.J. Rousseau) e 2) a interrelação entre linguagem e pensamento, que, apesar da grande variedade de concepções dedicadas a esse conjunto de problemas, confluíam para a visão de que a língua é uma espécie de material plástico para a expressão do pensamento, que foi tratado como estrutura impessoal e objetivo-ideal de significados idênticos. (tradução e grifos meus) (Stiépin, Semíguin 2010: 238)

# Cap. 6 – A interação verbal



- 2 orientações do pensamento filosófico-linguístico:
  - 1) Objetivismo abstrato: Racionalismo, Classicismo - língua
  - 2) Subjetivismo individualista: Romantismo - enunciação monológica –estilo individual

# Subjetivismo individualista



- Enunciação monológica: ato puramente individual, expressão da consciência individual.
- Expressão: conteúdo (interior) e sua objetivação exterior para outrem (ou também para si mesmo). O conteúdo pode constituir-se fora da expressão. Dualismo interior/exterior. Ao exprimir-se o conteúdo muda, “deforma-se”, idealismo.



- Compreensão: da objetivação exterior às raízes formadoras internas.
- Posição do autor: a atividade mental é desde o princípio expressão semiótica, a expressão organiza a atividade mental.

# Subjetivismo individualista



- **Ponto positivo:**

- o enunciado isolado é a substância real da língua – função criativa da língua (p. 122)
- A forma linguística está sempre ligada ao conteúdo ideológico (p. 122)

- **Ponto negativo:** enunciado enquanto expressão do mundo interior

# Posições do autor de MFL



- Expressão-enunciação(enunciado) determinada pela **situação social mais imediata e pelo horizonte social**, produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados – enunciado é organizado do exterior (p. 121)
- Toda expressão verbal é socialmente dirigida. Ex. fome. (p. 113-114)
- Situação-participantes-pressões sociais no locutor determinam o estilo e a forma do enunciado.

A camada mais evidente mas ao mesmo tempo mais superficial da avaliação social contida na palavra é transmitida com a ajuda da *entonação expressiva*. Vejamos um caso clássico de entonação na fala cotidiana. Dostoiévski narra em “O diário de um escritor”:

“Certa vez, num domingo, ao anoitecer, tive que dar uns quinze passos com um grupo de seis operários bêbados e de repente percebi ser possível expressar todos os pensamentos, sensações e até mesmo raciocínios profundos inteiros, empregando apenas um substantivo, que além disso é monossilábico (trata-se de um palavrão muito comum – observação de V. Volóchinov). Por exemplo, um rapaz pronuncia esse substantivo de modo abrupto e enérgico para expressar a sua refutação desdenhosa sobre algo que eles falavam antes. Outro, em resposta, repete àquele o mesmo substantivo, mas com um tom e sentido bem diferentes, isto é, colocando em dúvida a verdade da refutação do primeiro rapaz. De repente, um terceiro fica indignado contra o primeiro rapaz, se intromete na conversa abrupta e entusiasticamente e grita-lhe o mesmo substantivo, mas já com o sentido de um palavrão e insulto. Nesse momento, o segundo rapaz se intromete novamente indignado com o terceiro, com o ofensor, e o detém no sentido de “pra que, rapaz, você entrou na conversa? Estávamos discutindo tranquilos e você surgiu sei lá de onde e veio xingar Filka!”.

A camada mais evidente mas ao mesmo tempo mais superficial da avaliação social contida na palavra é transmitida com a ajuda da *entonação expressiva*. Vejamos um caso clássico de entonação na fala cotidiana. Dostoiévski narra em “O diário de um escritor”:

Eis que ele disse tudo isso com a mesma palavra proibida, com o mesmo nome monossilábico de um objeto, com a única diferença de que ele levantou a mão e tocou no ombro do terceiro rapaz. Mas de repente um quarto rapazinho, o mais jovem de todo o grupo, até então calado, deve ter encontrado de repente a solução para o problema inicial que causou a discussão e entusiasmado levantou a mão gritando ..... Vocês acham que ele gritou eureka? Achei, achei? Não, não foi eureka nem achei, ele repetiu apenas o mesmo substantivo impróprio, uma palavra só, apenas uma, mas com tanto ânimo, com um ganido de enlevo que parece ter sido forte demais, porque o sexto rapaz, carrancudo e mais velho, não “concordou com isso” e em um instante refreou o ânimo do rapazinho, ainda não saído das fraldas, dirigindo-se a ele e repetindo com voz baixa, sombria e moralizante ... o mesmíssimo substantivo que não se pode falar na presença de damas, porém com um sentido claro e exato: “pra quê berrar, esgoelar?”. Assim, sem pronunciar nenhuma outra palavra, eles repetiram só essa palavrinha, muito cara a eles, seis vezes sem parar, um após o outro, e se entenderam muito bem. Eu mesmo testemunhei esse fato!” “Pólnoie sobránie sotchiniéni F. M. Dostoiévskogo” (Obra completa de F. M. Dostoiévski), 1906, t. IX, p. 274-275.



- A estrutura da atividade mental é tão social como a sua objetivação exterior, constituída por uma orientação social de caráter apreciativo. (p. 114)
- A consciência só existe na sua realização em um material determinado (gesto, palavra, grito). (p. 117)

# Síntese dialética entre idealismo e materialismo



- 1) síntese dialética entre o idealismo de Humboldt, Potiebniá e Cassirer, postuladores do papel ativo da consciência humana na determinação da sua existência, e o materialismo histórico, defensor da tese oposta: a existência determina a consciência humana. O autor de MPL não assume nenhum desses dois pólos, mas realiza a seguinte síntese: a consciência materializada em signos e objetificada em sistemas ideológicos particulares (ciência, arte, ética, direito) é, por um lado, uma parte da existência, uma de suas forças e, por outro, é capaz de influenciar, transformar a existência material ([Ver fragmento p. 117-118](#))
- 2) objetificação da consciência se dá não apenas por meio de signos verbais, mas também musicais e plásticos - o papel ativo do pensamento humano na constituição das linguagens verbais e não-verbais e dos sistemas de referência por meio dos quais se têm acesso ao real

# Ideologia do cotidiano/psicologia social:



- atividade mental centrada sobre a vida cotidiana. (p. 118) – palavra interior e exterior desordenada e não fixada em um sistema.
- 2 níveis: nível inferior (2<sup>o</sup>. e 3<sup>o</sup>. par., p. 120) e nível superior



- Sistemas ideológicos constituídos: dependem da avaliação crítica viva da ideologia do cotidiano (p. 118)
- Interação verbal é a realidade fundamental da língua – o diálogo é uma de suas formas, das mais importantes. (p. 123)

# Ordem metodológica para o estudo da língua:



- 1) Formas e tipos de interação verbal
- 2) Gêneros discursivos
- 3) Formas da língua -Língua é uma abstração com fins teóricos (p. 127)

## Nova tradução – p. 220



Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e os tipos da interação verbal na relação com suas condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual elas são uma parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, a revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.

# Gêneros cotidianos - p. 221 – nossa tradução



A situação e o auditório forçam o discurso interior a atualizar-se em uma expressão exterior determinada e diretamente inserida no contexto cotidiano não-enunciado, que é completado pela ação, ato ou resposta verbal dos outros participantes do enunciado. Uma pergunta acabada, uma exclamação, uma ordem, um pedido são as totalidades típicas dos enunciados cotidianos. Todas elas (principalmente a ordem e o pedido) exigem um complemento extra-verbal, assim como um início extra-verbal. O próprio tipo de acabamento desses pequenos *gêneros* cotidianos é determinado pelo atrito da palavra com o meio extra-verbal e pelo atrito da palavra com a palavra alheia (das outras pessoas).

# Análise da gravação



- 1) Gênero
- 2) Situação de enunciação – contexto não verbalizado
- 3) Auditório
- 4) Palavra do outro
- 5) Início – construção - término